



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

LÉIA GABRIELLI SOUZA RAMOS

EU NÃO QUERO BOLO: UM FALSO DOCUMENTÁRIO SOBRE
ASSEXUALIDADE E SEUS ESTEREÓTIPOS EM UM MUNDO INVERTIDO

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

LÉIA GABRIELLI SOUZA RAMOS

EU NÃO QUERO BOLO: UM FALSO DOCUMENTÁRIO SOBRE
ASSEXUALIDADE E SEUS ESTEREÓTIPOS EM UM MUNDO INVERTIDO

Memorial apresentado à disciplina Projetos Experimentais em Cinema e Audiovisual, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora:
Dra. Maria Beatriz Colucci

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2023

LÉIA GABRIELLI SOUZA RAMOS

EU NÃO QUERO BOLO: UM FALSO DOCUMENTÁRIO SOBRE
ASSEXUALIDADE E SEUS ESTEREÓTIPOS EM UM MUNDO INVERTIDO

Projeto Experimental apresentado ao
Departamento de Comunicação Social
da Universidade Federal de Sergipe,
como pré-requisito para a obtenção do
título de Bacharel em Cinema e
Audiovisual.

Banca examinadora:

Dra. Maria Beatriz Colucci – Orientadora (DCOS/UFS)

Dr. Diogo Cavalcanti Velasco (DCOS/UFS)

Dra. Daniele Parfentieff de Noronha (DCOS/UFS)

São Cristóvão, 05 de maio de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família;

Aos meus amigos;

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram com este trabalho!

RESUMO

O presente memorial descritivo trata do processo de criação e produção do filme *Eu não quero bolo*, um curta metragem que discute a assexualidade, usando de tons irônicos, por meio de um falso documentário. A população assexual representa apenas 1% da população mundial, segundo últimos dados coletados, mas o filme mostrará um mundo invertido, onde 99% das pessoas serão assexuais, e fazer sexo ou se relacionar, sem nenhum tipo de vínculo, é visto como algo muito estranho e até mesmo uma doença. Para o desenvolvimento do projeto, foi necessário investigar o tema, bem como compreender aspectos relacionados aos filmes documentários.

Palavras-chave: Cinema documentário; Falso documentário; *Mockumentary*; Assexualidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Referências fílmicas.....	16
Figura 2 - 1ª Diária: Parque da Sementeira.....	20
Figura 3 - 2ª diária: Parque da Sementeira	21
Figura 4 - 3ª diária: Rádio UFS	22
Figura 5 - 4ª diária: Interior quarto.....	22
Figura 6 - 5ª diária: UFS, São Cristóvão	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 Assexualidade	10
1.2 Filmes documentários e mockumentaries.....	12
2 MEMORIAL DE PRODUÇÃO DO FILME <i>EU NÃO QUERO BOLO</i>	17
2.1 Concepção	17
2.2 Etapas da produção	19
2.2.1 Pré-produção	19
2.2.2 Produção	19
2.2.3 Pós-produção	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A – BOLETIM DE SOM.....	27
APÊNDICE B – BOLETIM DE CÂMERA.....	28
APÊNDICE C – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM	29
APÊNDICE D – ROTEIRO.....	30
APÊNDICE E – LINK PARA O FILME	35

INTRODUÇÃO

Este memorial visa apresentar o falso documentário “Eu não quero bolo: Um falso documentário sobre assexualidade e seus estereótipos em um mundo invertido” em um trabalho de conclusão de curso de Cinema e Audiovisual.

Por ser um tema ao qual me identifico há tantos anos e por esse projeto ter sido pensado também por quase a mesma quantidade de tempo, tive um pouco de dificuldade de conseguir passar para as pessoas e até mesmo escrever sobre o assunto algo que estava tão formado em minha cabeça, as vezes até mesmo esquecendo que as pessoas não eram familiarizadas com termos e apenas utilizando sem alguma explicação anterior.

Apesar de já ter sido abordado em alguns tipos de obras, a assexualidade ainda é um tema desconhecido para uma grande parte da população. Hoje em dia, com a popularização das redes sociais, o tema é abordado em algumas delas. Um exemplo é o *Twitter*, plataforma pela qual as pessoas que se identificam fazem as chamadas *thread*, conseguem muitos compartilhamentos e podem, assim, ensinar e até mesmo ajudar na descoberta de novos assexuais.

Outro exemplo é a atual rede popular de compartilhamento de vídeos, conhecida como *TikTok*. Porém, o público ainda é muito restrito, o que acaba ainda sendo um tabu, principalmente para não usuários de tais plataformas e/ou pessoas não familiarizadas com o tema.

Em obras ficcionais audiovisuais, a representatividade assexual é escassa. Muitas vezes é apenas imaginado que tal personagem de um filme ou de uma série “possa ser” assexual, mas isso não é exatamente confirmado na narrativa, como o Sheldon de *The big bang theory*, e o Varys de *Game of thrones*. Ou quando o personagem não se interessa por sexo, como a Florence, na série popular *Sex Education*, em que é pressionada pelos amigos e isso é mostrado como algo que precisa urgentemente ser resolvido. Porém, algumas séries como *Heartstopper*, afirma que dois personagens, muito próximo ao personagem principal, são assexuais, que são o Isaac e a Tori. Outra série que também tem representatividade é *Legends of tomorrow*, com a Spooner na sexta temporada se assumindo assexual; e ainda continuando no universo DC/Marvel, a Marvel

confirmou a heroína Gwenpool também como assexual. Um último exemplo é a série da Netflix *BoJack Horseman*, em que na quarta temporada o protagonista se assumiu “ace” (termo como assexuais se chamam dentro da comunidade) e até mesmo criou um aplicativo para a comunidade.

A ideia de falar sobre a assexualidade em um filme surgiu anos atrás, na disciplina Documentário, sendo retomada depois em Roteiro II e Elaboração de Projetos em Cinema e Audiovisual, o que permitiu aprimorar o roteiro e discutir aspectos da pré-produção. Desde o início, o formato escolhido foi o *mockumentary*, ou seja, um falso documentário.

Alfredo Suppia (2013, p.1) define *mockumentary* como "uma obra de ficção enunciada de forma a emular um filme documentário". Ele explica que o nome deste subgênero vem da união das palavras mock (falso) e documentary (documentário), sendo usado muitas vezes em sátiras ou séries de TV, em sua maioria envolvendo também o humor, e sem precisar de explicações, o que deixa claro ao espectador que não é algo fiel à realidade.

Entendo que fazer um documentário poderia ter sido também uma forma para apresentar o tema em questão, porém o *mockumentary* é uma sátira que pode alcançar um público maior, pois usando o humor, talvez possa despertar mais atenção de quem se interessar pelo assunto. Acredito, também, que seja mais fácil para pessoas de qualquer faixa etária entenderem o conteúdo, pois a pretensão é que os espectadores se coloquem no lugar dos assexuais.

Mais adiante o projeto é estruturado em fundamentação teórica, onde me aprofundo mais sobre a assexualidade no paragrafo 1.1, no parágrafo 1.2 falo sobre filmes documentários e suas abordagens. No capítulo 2 falo sobre o memorial de produção, a concepção do filme no parágrafo 2.1 e as etapas de produção no parágrafo 2.2, como pré-produção, produção e pós produção.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Este capítulo discute dois conceitos essenciais para a temática e o formato deste trabalho de conclusão, quais sejam: a assexualidade e o filme documentário, mais especificamente o falso documentário.

1.1 Assexualidade

A assexualidade é uma “sexualidade” por muitas vezes invisibilizada fora e dentro da comunidade LGBTQIA+. Por muitas vezes, é também confundida com o celibato, que é uma pessoa que escolhe não manter relações sexuais com outra. Sendo assim, os celibatários são diferentes das pessoas que se identificam com a assexualidade, pois não é algo que se escolhe, apenas não há atração sexual da mesma forma que pessoas sexuais.

O termo assexualidade apareceu pela primeira vez, ao menos no cenário acadêmico, nas pesquisas do biólogo e sexólogo estadunidense Alfred Kinsey, que coordenou duas grandes pesquisas no fim da década de 1930 e início da década de 1950, respectivamente: *Sexual Behavior in the Human Male* e *Sexual Behavior in the Human Female*. (LEHMILLER, 2013)

A. Kinsey foi professor de zoologia, especialista em entomologia e, quando foi ministrar aulas sobre aspectos biológicos da sexualidade na Universidade de Indiana, tornou-se sexólogo. Devido à pouca bibliografia sobre sexualidade humana e comportamento sexual humano, decidiu ampliar os conhecimentos científicos sobre o tema. De acordo com os dados no site do Kinsey Institute, as pesquisas sobre sexualidade humana realizadas por ele são, até hoje, consideradas as maiores em termos quantitativos nas ditas sociedades ocidentais (KINSEY, 2022).

O objetivo de Kinsey, com seus estudos, não foi pesquisar a assexualidade, mas ele se deparou com ela nas entrevistas, nos depoimentos coletados entre participantes das pesquisas e, por isso, essas pessoas foram classificadas no grupo X, pois não eram previstas nas hipóteses e nos resultados do empreendimento (KINSEY, 2022). Isso reforça a ideia da naturalização da

prática sexual, uma vez que Kinsey não estava esperando encontrar pessoas que não tinham interesse em sexo, pois não pensou nessa possibilidade.

Pouco explorada e representada em produtos midiáticos, a assexualidade é uma orientação sexual vivida por diversos jovens, mesmo que, segundo dados, representa apenas 1% da população mundial, porém no Brasil, em um levantamento de dados feito em 2018, os assexuais representam 5,76% da população entre jovens maiores de 18 anos, sendo a maior porcentagem entre bissexuais, lésbicas, gays, transgêneros e pessoas não binárias. A AVEN (*Asexual Visibility and Education Network*) é considerada uma iniciativa pioneira na promoção da questão da assexualidade, constituindo-se como uma espécie de marco zero da rede e mantendo-se como seu principal núcleo. (AVEN, 2001)

Atualmente a AVEN ocupa um lugar destacado no universo dos assexuais, com páginas em diferentes países, a partir do endereço <https://www.asexuality.org/>. Iniciou-se formalmente em 2001 e tem a internet como sua principal base de interlocução e ação política. Seu surgimento remonta a um blog criado anos antes por David Jay, um dos membros mais visíveis da rede, na época, um estudante secundarista da cidade de San Francisco. A proposta, elaborada nos Estados Unidos, expandiu-se em poucos anos para além das fronteiras desse país.

Como a maior comunidade internacional formada por pessoas assexuais, a AVEN apresenta uma visão heterogênea da assexualidade e as define como pessoas que não experienciam atração sexual, sendo não uma escolha, mas algo intrínseco do sujeito (AVEN, 2001). O site aponta ainda a grande diversidade dentro da própria comunidade assexual, considerando as singularidades e diferentes vivências de um referente a relacionamentos, atração e excitação. Logo na entrada do site, deparamo-nos com o conceito de assexualidade estipulado em 2001, que em tradução livre significa: “um assexual é uma pessoa que não sente atração sexual”. Vale dizer que esse conceito foi estipulado por David Jay e colaboradores do site.

De acordo com o histórico da AVEN, essa definição desde 2001 não sofreu nenhuma alteração, apesar do crescente número de fóruns de debates criados por assexuais e de pesquisas que são feitas e publicadas em âmbito acadêmico-científico desde então.

A assexualidade também é um termo considerado “guarda-chuva”, onde tem algumas sub-orientações, como: Assexuais estritos, demissexuais e grayssexuais. Assexuais estritos são indivíduos que não sentem absolutamente nenhuma atração sexual por pessoas. Demissexuais são os indivíduos que para existir a atração sexual, é necessário que haja um vínculo com a pessoa. Já Grayssexuais são indivíduos que sentem atração sexual com pouca frequência e que, assim como as demais sub-orientações, não tem o ato sexual como algo primordial em sua vida. (AVEN, 2001).

Se a condição existencial da assexualidade requer a falta ou o desinteresse em práticas sexuais e ausência não-patológica de atração sexual, as prescrições, as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural são frustradas por sujeitos assexuais.

Ainda nos dias atuais, podem ser vistas pessoas que nunca ouviram falar do termo e também é possível ver pessoas que acreditam saber sobre o assunto, mas que o tratam como uma patologia, inclusive profissionais da área, como psicólogos e psiquiatras. Tal visão sobre o assunto pode ser encontrada em muitas entrevistas e debates, inclusive com os próprios colaboradores do site da AVEN.

Acreditamos que uma das possibilidades de conhecer mais sobre a assexualidade seja através dos filmes documentários; mas relativamente poucos falam sobre o tema, e quando o fazem é de forma mais expositiva e generalista. Em sua maioria, mostram uma pessoa solitária em busca de um relacionamento sem sexo e o quanto a pessoa é incompreendida, parecendo mesmo que uma pessoa assexual é sempre digna de compadecimento, como se não pudesse ser feliz como é.

1.2 Filmes documentários e *mockumentaries*

O filósofo Noel Carroll se refere aos documentários como uma subcategoria do cinema de não-ficção que ele denomina filmes de “asserção pressuposta” (CARROLL, 2005, p. 69-104). Para o autor, existe uma objetividade impossível nos documentários, pois sua produção é orientada pelas mesmas

técnicas das obras ficcionais, como enquadramento, edição, foco, roteiro, manipulação de materiais, interpretação etc.. Sendo assim, o documentário só ser definido de modo intencional:

(...) um filme é de asserção pressuposta se e apenas se envolve uma intenção de sentido por parte do cineasta que fornece a base para a compreensão de sentidos pelo público, assim como uma intenção assertiva por parte do cineasta que serve como base para a adoção de uma postura assertiva pelo público (CARROL, 2005, p. 91).

Outro autor e um dos mais importantes estudiosos do cinema, Bill Nichols (2001), compartilha de um pensamento parecido, mostrando que um documentário se define por ser uma representação social e desenvolver um argumento, a partir da voz proposta pelo diretor, ou seja, da maneira como ele organiza seu ponto de vista por meio de uma retórica visual e sonora. Isso define a sua atuação política, tanto como obra, quanto como agente. “A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer” (NICHOLS, 2005, p. 72).

A voz está claramente relacionada ao estilo, a maneira pela qual um filme, de ficção ou não, molda seu tema e o desenrolar da trama ou do argumento de diferentes formas, mas o estilo funciona de modo diferente no documentário e na ficção. (...) o estilo da ficção transmite um mundo imaginário e distinto, ao passo que o estilo ou a voz do documentário revelam uma forma distinta de envolvimento no mundo histórico. (NICHOLS, 2005, p. 74).

Para Bill Nichols, também é importante refletir sobre as diferentes formas que um filme documentário utiliza para abordar seus temas. Em seu livro *Introdução ao documentário*, publicado em 2001, discorre sobre tais modos, os quais retoma e revisa em outros estudos posteriores. Resumidamente, são seis modos de abordagem citados por Nichols (2005, p. 61-62):

- Modo Poético: “ênfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal”;
- Modo Expositivo: “ênfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa”, sendo o modo que as pessoas mais identificam como documentários. Geralmente usa a voz *over*, nunca vista em cena, e que narra os fatos tentando ser imparcial nos acontecimentos mostrados;

- Modo Observativo: “ênfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmara discreta”;

- Modo Participativo: “ênfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto. Frequentemente, une-se a imagem de arquivo para examinar questões históricas”;

- Modo Reflexivo: “chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme”;

- Modo Performático: “ênfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita ideias de objetividade em favor de evocações e afetos”.

Especificamente sobre o *mockumentary*, traduzido para o português como mocumentário, ressalta-se que é o tipo de filme encontrado em séries e filmes que utilizam o gênero com o objetivo de entreter, iludir ou divertir o espectador, pois a montagem é feita com tanta veracidade e com os aspectos tão parecidos com documentários reais que, muitas vezes, as pessoas acreditam que a narrativa é verdadeira mesmo que aquela produção audiovisual chegue a beirar o absurdo, como é o caso de *Recife frio* (2009), do diretor Kleber Mendonça Filho.

Para Nichols (2012)¹, porém, o fenômeno do falso documentário é bem mais sutil, e seu conceito não se restringe a ser uma ficção que finge ser um documentário, mas diz respeito às particularidades da manipulação da ironia no discurso audiovisual que acaba por questionar ideias pré-concebidas sobre o próprio conceito de documentário (NICHOLS, 2012, apud SUPPIA, 2013)

De toda forma, os *mockumentaries*, ou pseudodocumentários, como são chamados em português, são obras que se assemelham com documentários, pois a estrutura “canônica” usada é a mesma, como a *voz over*, presente nos

¹ Citado por A. Suppia em palestra do Centro de Estudos em Cinema Documentário (CEPECIDOC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizado em 2012.

documentários clássicos, ou os depoimentos dos personagens, como acontece nos documentários baseados em entrevistas.

Para Ramos, “enganar explicitamente o espectador, fazendo-o assistir a documentários que são na realidade ficções (ou o inverso), em nada diminui a espessura histórica dos campos que estamos abordando” (RAMOS, 2008, p.24). O autor observa que as pessoas que assistirão o documentário nem sempre irão concordar com o que está sendo mostrado, mas isso não tira o fato de ainda ser um documentário, independentemente da sua veracidade.

Alguns pontos apontados por Ramos (2008) foram inspiração para a construção do falso documentário, como o estilo da “ética educativa”, que, usado de forma irônica, terá a forma clássica de documentário, com pessoas comuns como atores, a encenação construída com a utilização de estúdios em algumas partes e até mesmo na parte do cotidiano.

É importante destacar que os falsos documentários podem se enquadrar em qualquer das formas de documentário propostas por Bill Nichols (2005). Neste trabalho, utilizaremos esse “gênero” para a produção de um documentário que verse sobre a assexualidade, de modo a dar destaque a seus personagens, dando voz a este grupo social por meio da sátira sobre o senso comum que se tem sobre o conceito de assexualidade, aproximando-se do estilo de documentário expositivo, utilizando um narrador com a voz over e uma matéria de jornal para que haja a citada “imparcialidade dos fatos”.

Para este trabalho, os filmes *Recife Frio* (2009), de Kleber Mendonça Filho; *Edifício Master* (2002), de Eduardo Coutinho; *O sanduíche* (2000), de Jorge Furtado; *Borat, o segundo melhor repórter do glorioso país Cazaquistão viaja à América* (2007), de Larry Charles e a série *The Office* (2005) foram referências primordiais. Segue, na Figura 1, uma colagem com os cartazes das obras mencionadas.

Figura 1 - Referências filmicas



2 MEMORIAL DE PRODUÇÃO DO FILME *EU NÃO QUERO BOLO*

Apresenta-se, neste capítulo, a concepção do filme, detalhando a proposta do argumento, além da descrição de todas as etapas de produção. Destaca-se que, nesta parte, o texto foi todo feito em primeira pessoa, por se tratar do desenvolvimento de produção autoral.

2.1 Concepção

O ato sexual é algo, basicamente, imposto à sociedade. Podemos ver até mesmo nas escrituras sagradas um versículo que diz: “Sejam férteis e multipliquem-se!” (Gênesis 1:28). Portanto, algo que poderia ser apontado e acordado com a maioria das pessoas, independente de cor ou religião (ou a falta dela), é que sexo é indispensável na vida terrestre. Porém, existe uma frase muito conhecida popularmente, que é: “Se existe sexo sem amor por que não poderia existir amor sem sexo?”

A ideia de fazer um falso documentário sobre assexualidade surgiu anos atrás, durante a disciplina Documentário, e juntamente com uma amiga da época e um colega de turma, a primeira ideia do projeto surgiu. Como já me identificava como assexual na época, a ideia permaneceu na mente, e pude aprimorá-la também na disciplina de Roteiro II, roteiro o qual já foi um pouco parecido com o que foi usado no trabalho em questão.

Depois de tão trabalhada em disciplinas do curso, decidi que queria usar como tema do trabalho de conclusão de curso (TCC), e quando cursei Elaboração de Projeto confirmei que tinha mesmo que ser esse tema, pois a cada vez que me aprofundava no assunto, e estudava sobre, mais prazer eu sentia e foi o que me ajudou a continuar. Por ser algo pensado por anos, a pré-produção foi montada no decorrer dos anos, pois cada alguns amigos e colega de classe que ajudou na produção foi pensado em sua função com bastante antecedência.

Como já mencionado, o falso documentário foi a forma escolhida para que mais pessoas possam procurar e se aprofundar sobre o tema, pois será uma sátira do mundo real, onde os seres sexuais que serão taxados como estranhos

e pessoas que precisam de acompanhamento médico, poderão expor os seus traumas por conta da imposição mundial de que um pedaço de bolo é mais interessante que sexo.

É preciso ressaltar que este TCC não é um grito de ódio ou repugnância pelo ato sexual, mas sim a conscientização de que existem pessoas no mundo que não colocam tal ato como um fato essencial em sua vida e fazer compreender que assexuais podem fazer sexo também, com algumas condições. Por ser um tema não tão discutido, seja nas redes sociais ou em meios acadêmicos, acreditamos que abordar o tema como projeto de final do curso de Cinema e Audiovisual seja relevante e possa ampliar o acesso a tais discussões para pessoas que forem alcançadas pelo projeto. Acreditamos também que o filme poderá servir como apoio ao ensino, em debates para estudantes do ensino médio e da graduação.

O argumento do falso documentário expositivo sobre a assexualidade imagina um mundo invertido, onde 99% da população será considerada assexual. Será usado um formato de entrevistas com aqueles que se identificam com a causa, assim como é feito na maioria dos documentários sobre assexualidade, e mostrando as dificuldades dessas pessoas em achar um parceiro que entenda as suas condições, intercalado com imagens de casais assexuais.

As locações externas foram pensadas em lugares públicos de Aracaju, como o Parque da Sementeira ou Parque dos Cajueiros, pois são lugares de lazer e onde as entrevistas serão feitas com algumas pessoas que se identificam com a causa do falso documentário.

O falso documentário terá recorrentemente uma *voz over* que narrará alguns fatos, mas sem de fato se impor sobre eles. No fim do filme também foi imaginada uma locação interna, em um ambiente mais casual, como um quarto, onde haverá duas pessoas, uma delas será um assexual mostrando o falso documentário a uma outra pessoa não-assexual, que acabará não entendendo o real contexto do assunto, onde causará um tipo de decepção no assexual, que sairá do recinto desistindo de explicar o seu ponto.

2.2 Etapas da produção

Segue, nessa seção, a descrição das fases de produção do curta metragem.

2.2.1 Pré-produção

Por ser um curta-metragem, o projeto em questão não se passa em muitas locações, como já indicado no item anterior (2.1). Como optei pelo formato documentário, enquanto fazia o roteiro (APÊNDICE D), pensei em locais que por fim não puderam ser concretizados, como por exemplo a primeira entrevista com Fabrícia, que se passaria na praça de alimentação de um Shopping Center. Acabei desistindo por ser um local com difícil acesso para autorizações, mas continuei insistindo na ideia de ser parecido com uma praça de alimentação, até que a melhor opção foi alterar a locação para externa, no Parque onde algumas cenas já seriam gravadas.

O clima na semana anterior da primeira gravação, que seria externa e a diária mais longa, estava chuvoso, com direito a raios e trovões, e caso não melhorasse, teria que ser cancelado um dia antes por motivo da alimentação e ainda corria riscos de no dia amanhecer ensolarado. Também foi decidido fazer termos de autorização de imagem (APÊNDICE C), mesmo que o falso documentário se aproxime tanto da ficção.

Segundo cronograma de produção, as gravações e a edição do filme aconteceriam entre os meses de março e abril de 2023, e assim foi feito.

2.2.2 Produção

A primeira diária aconteceu no dia 27/03/2023, no Parque da Sementeira (Figura 1), com algumas intercorrências: desistências de algumas pessoas que atuariam no dia e que posteriormente tive que ir atrás de outra pessoa às pressas para substituir, e de outra que tive que adaptar o roteiro por causa da ausência. Mas a diária foi feita, mesmo com alguns pequenos problemas por termos escolhidos gravar apenas com iluminação natural; enfim, nada que tenha afetado a estética do filme.

As gravações foram feitas com câmera DSLR, uma Canon T6, com objetiva 55-250mm e outra 18-55mm, sendo usado o gravador Zoom e um microfone boom direcional.

Na direção de fotografia, foi conversado com a direção e a direção de arte que a estética do curta seria voltada para uma estrutura como de uma reportagem de telejornal. Então antes das gravações a diretora de fotografia buscou mais informações e inspirações sobre esse tipo de formato. Foi decidido em conjunto que a lente principal que seria usada seria a de 55-250mm, pois é muito usada nesse tipo de produção, por dar um maior enfoque no ponto de interesse e evitando distrações por desfocar o fundo. Segundo a diretora de fotografia, a maior dificuldade pra ela na primeira diária, foi como balancear a iluminação do local, pois foi a primeira vez trabalhando com a câmera e o dia estava com muitas nuvens, então horas a luz do sol estava muito direta e forte, hora estava parcialmente difusa pelas nuvens. Tinha a opção de gravar nos quiosques, mas a imagem estava ficando com o fundo muito claro e estourado justamente pela incidência do sol, então juntamente com a ajuda do assistente de direção de fotografia, foram feitas as filmagens em locais mais amplos, como gramados e as ruas do parque.

O enquadramento das imagens ficou decidido, com apoio da direção, que ficaria mais para a lateral, para dar a impressão da reportagem e de que estava falando com algum entrevistador por trás das câmeras.

O som apresentou alguns problemas no momento da captação, em que aparecia um efeito robótico depois de gravado, mas quando foi salvo e colocado no computador, estava em perfeito estado e nem os sons de ambientes externos atrapalharam a gravação.

Figura 2 - 1ª Diária: Parque da Sementeira



Foto still: Katilly Lima

A segunda diária, em 01/04/2023, também no Parque da Sementeira (Figura 2), foi para gravação de apenas uma cena, muito mais rápida, pois já estávamos mais acostumados com os equipamentos, e com a locação. O local escolhido foi no monumento de Marcelo Deda, por oferecer uma sombra maior que poderia suavizar a imagem. A direção de fotografia juntamente com a direção, decidiu neste dia focar mais em planos detalhes de mãos e de outros ângulos, para dar a impressão de uma outra câmera no local. Neste dia a equipe apenas divergiu um pouco de opinião já no fim da filmagem, mas nada que afetasse a produção do filme. No mesmo dia, a diretora de arte do filme, por razões pessoais, preferiu não fazer mais parte da equipe. Porém, toda a paleta de cores do filme e a estética já tinha sido decidido, e foi dado continuidade até o final.

Figura 3 - 2ª diária: Parque da Sementeira



Foto still: Katilly Lima

Na terceira diária (03/04/2023), a gravação foi feita nas instalações da Rádio UFS, no Campus São Cristóvão da UFS, e não foi uma diária longa, pois era apenas uma cena curta, mas ambientada em um local totalmente diferente. Teve um pequeno problema de espaço, em que a direção de fotografia teve que adaptar, o que seriam inicialmente dois takes, em um só.

Figura 4 - 3ª diária: Rádio UFS



Foto still: Katilly Lima

A quarta diária foi para gravação de uma cena em que havia um diálogo e decidimos fazer em plano sequência, e por isso demorou um pouco mais, porque a sequência precisou ser regravada algumas vezes, por mínimos detalhes. A diretora de fotografia teve que se ausentar por motivos de doença, e o assistente de fotografia assumiu o lugar. O enquadramento usado foi centralizado, por não se tratar mais de uma entrevista, cortando para um plano curto em seguida de um close-up.

Neste dia estávamos sem o microfone *boom* e tivemos que improvisar com um taco de sinuca e com algumas fitas adesivas, e testar também com o microfone perto das atrizes, usando o notebook usado na cena para cobri-lo. Por fim, o áudio utilizado foi com o microfone escondido no notebook.

Figura 5 - 4ª diária: Interior quarto



Foto still: Katilly Lima

Na quinta e última diária, uma das atrizes que já tinha participado iria estar em outra locação, porém ficou doente e cancelou conosco no dia da gravação, tendo que assim quase cancelar a cena, porém uma participante da equipe se ofereceu para atuar e a cena permaneceu em outra locação, sendo o dia com a equipe mais reduzida. O enquadramento permaneceu o mesmo das entrevistas anteriores, sendo lateral, e também houve a mudança de ângulo para a sensação de troca de câmera.

Figura 6 - 5ª diária: UFS, São Cristóvão



Foto still: Katilly Lima

2.2.3 Pós-produção

Na outra semana (12/04/2023) comecei a edição. Separei de acordo com os boletins de som (APÊNDICE A) e de câmera (APÊNDICE B) , o que seria

utilizado, e também gravei a narração que se passa durante o filme um dos dias. A edição foi feita no VEGAS PRO, um software de edição não linear. Como editar é a parte que mais gosto de toda a produção, por mais que seja cansativo, estressante e que exija um tempo necessário.

A edição começou tranquila com ajuda de um colega de equipe, até que o editor de algum modo parou de funcionar e foi necessário mais de um dia pra resolver a situação. O ocorrido no momento me desestabilizou até por pensar que poderia ter perdido tudo e por pensar em começar tudo novamente, mas depois de resolvida a situação, a edição estava salva e foi possível continuar.

O processo de edição foi feito em cerca de 15 dias, conciliados com outras demandas de trabalho e da graduação.

O primeiro corte será apresentado à banca examinadora (APÊNDICE E), e esperamos poder dar continuidade à finalização, após esta avaliação, para então pensar na distribuição do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de realização do filme envolveu uma pesquisa e um interesse que começaram anos atrás, e resultou de um amadurecimento do roteiro, em termos da narrativa fílmica, e do aprofundamento dos referenciais teóricos e fílmicos que embasaram a pesquisa sobre a temática e sobre os *mockumentaries*.

Porém, por ser um filme universitário, não tivemos recursos e patrocínio (as arrecadações foram feitas por meio de rifa), e tendo que conseguir pessoas dispostas a trabalhar gratuitamente, sem receber nada em troca, nem sequer uma nota no fim do período, essa realização foi realmente uma experiência intensa. Como todo set de filmagem, aconteceram situações difíceis, como atrizes desistindo um dia antes da gravação, equipamentos em falta por desistências de pessoas da equipe, locações que deram errado, o tempo chuvoso na primeira semana.

A equipe não era tão grande e, por serem voluntários, nenhuma diária conseguiu ficar completa, pois cada pessoa tinha suas ocupações. Também tive que lidar também com questões de saúde e compreender que necessitava de repouso, mas também lidando com o tempo e não podia parar.

Recebemos uma doação um pouco antes do sorteio da rifa, e com isso foi possível dar um valor simbólico a toda a equipe que ajudou a realizar o filme e fazer acontecer, e a qual sou muito agradecida, e claro, nos confraternizamos também com um delicioso bolo de chocolate, pois nessa equipe nós queremos bolo.

REFERÊNCIAS

- ASSEXUAL. In: AVEN. Asexual Visibility and Education Network. 2001. Disponível em: <https://www.asexuality.org/>. Acesso em 10 out. 2021.
- BARBOZA, A. M. M.; ROCHA, M. L. B; et al. Metassíntese do conceito de assexualidade. Editora Realize, 2019 (e-book) Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/desfazendo/2019/PROPOSTA_EV129_MD3_ID1101_12092019225038.pdf. Acesso em 23 mar. 2022.
- CARROLL, Noel. O documentário e o cinema de asserção pressuposta. In: RAMOS, Fernão P. (org.). *Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional*. São Paulo: SENAC, vol. 2, 2005.
- KINSEY INSTITUT for Research in Sex, Gender and Reproduction, University Indiana, Bloomington, EUA. In: <https://kinseyinstitute.org/> . Acesso em: 18 ago. 2022.
- LEHMILLER, J. J. *The Psychology of Human Sexuality*. 2013. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ytk5DwAAQBAJ&pg=PT250&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em 23 nov. 2021.
- MOCUMENTÁRIO. Verbetes, Nova Palavra, Nossa Língua. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/mocumentario>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- MOCUMENTÁRIO. Verbetes. Margo Filmes. Disponível em: <https://margofilmes.com.br/mocumentario/>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus, 2005.
- RAMOS, Fernão P. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?*. São Paulo: SENAC/SP, 2008.
- SUPPIA, Alfredo. *Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer mockumentary*. Ciência e Cultura. vol.65, no.1, p.60-63, jan. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252013000100024>. Acesso em: 30 abril 2021.

APÊNDICE A – BOLETIM DE SOM

BOLETIM DE SOM

FILME: *NÃO QUERO BOLO*
DIRETOR: *LÉIA RAMOS*
PRODUTOR(A): *ARTÊMIO*
TÉCNICO DE SOM: *J. HILAGO OLIVEIRA*
DATA: 03/04/2023

() GUIA (**x**) DIRETO

CENA	TOMADA	MICROFONE	OBSERVAÇÕES	ARQUIVO
7	1	TASCAM - Lapela	erro de fala	449
7	2	//	não vai ser usado	450
7		//		451
7	3	//	ok + erro de fala	452
7	4	//	ok + erro de fala	453
7.1	1	//	ok + estouro	454
7.1	2	//	ok + barulho no começo	455

APÊNDICE B – BOLETIM DE CÂMERA

					Foco	PP	Exposição	Notas	OK
	7	01	03	1/30	10	SS	6400		OK
	7	1	04	"	"	"	"	início melhor	OK
	7.1	2	7	1/40	10	SS	6400		
	7.7	2	2	"	"	"	"		OK
								11	11
04/04	8	1	2	1/60	4.5	24m	800	erro atiriz	~
	8	1	3	"	"	"	"		~
	8	1	4	"	"	"	"		
	8	1	5	"	"	"	"		OK
	8	1	6	"	4.0	"	"	erro som	~
	8	1	7	"	"	"	"		OK
	8	1	8	"	"	"	"		OK
	8.1	1	7	"	"	"	"	erro atiriz	~
	8.1	7	2				"		OK
	8.2	7	7	1/60	4.0	SSm	"		
	8.2	7	2	"	"	"	"		~
	8.2	7	3						
	8.2	7	4	"	"	"	"		OK

APÊNDICE C – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso de minha imagem e voz para fins de divulgação e publicidade do trabalho artístico e cultural, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens.

As imagens e voz poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao fotógrafo.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou qualquer outro.

Aracaju, SE, 27 de março de 2023

Jennyfer Santos Resende

Assinatura

Nome: Jennyfer Santos Resende

RG: 36572268 CPF: 014998205-42

Telefone1: (29) 99656-4237

Telefone2: () _____

Endereço: Rua Carlos Marques, 184

Cidade: Aracaju Estado: Sergipe

APÊNDICE D – ROTEIRO

ROTEIRO – EU NÃO QUERO BOLO (TERCEIRO TRATAMENTO)

EXT. RUA – DIA

O falso documentário “Eu não quero bolo” começa mostrando as ruas de Sergipe, onde se podem ver pessoas trafegando normalmente como qualquer outro dia. Depois de alguns segundos o foco se torna os casais que são encontrados durante o trajeto.

NARRADORA (V.O.)

Como sabemos desde o princípio, existem diversas coisas mais importantes e mais interessantes que sexo, como por exemplo, um delicioso bolo de chocolate, ou assistir a um filme com o seu parceiro, parceira ou parceire. Porém com o decorrer dos anos foram surgindo algumas pessoas que tem pensamentos e comportamentos diferentes dos da maioria. Inicialmente taxado como transtorno ou distúrbio, os “allosexuais” como são chamados entre si, reivindicam que sejam aceitos como uma orientação sexual.

EXT. PARQUE DA SEMENTEIRA – DIA

Em um banco, próximo a fonte de água, FABRÍCIA, 25 anos, olhos pretos, cabelos castanhos e crespos, negra, está sentada em uma mesa um pouco afastada e sozinha.

FABRÍCIA

Olá, meu nome é Fabrícia, e é difícil para pessoas como eu encontrar um relacionamento hoje em dia, onde o mundo é extremamente assexualizado.

Me descobri allo aos 15 anos de idade, hoje tenho 25 anos e tive poucos relacionamentos na

vida, pois eu nunca vi problema em fazer sexo no primeiro encontro e já cheguei a assustar pessoas com quem queria me relacionar por não entenderem isso, eu às vezes me perguntava se era algum tipo de Extraterrestre.

EXT. RUA - DIA

Continua a serem mostrados casais e seu dia-a-dia.

NARRADORA (V.O.)

Estudos comprovam que apenas 1% da população tem interesse sexual considerado além do normal, sendo um grupo de 2 milhões de pessoas espalhadas pelo Brasil. Com o surgimento de comunidades e aplicativos, os allosexuais foram descobrindo cada vez mais que não estão sozinhos e unindo forças para se mostrarem ao mundo.

EXT. PRAÇA - DIA

RAQUEL, branca, cabelos curtos, ondulados e castanho claro, está sentada em um banco de uma praça, falando sobre suas vivências.

RAQUEL

De início eu me assustei um pouco e achava que tinha algo de errado, minha mãe levou ao médico depois que criei coragem de falar com ela como me sentia e fizeram exames em mim, mas não foi encontrado nenhum tipo de problema. Depois de algum tempo eu tive meu primeiro namorado, mas ele era assexual e nossos pensamentos divergiam demais, por isso houve o fim do relacionamento. Meses depois eu entrei em um grupo do facebook em que pude conhecer várias pessoas como eu, mas que moravam distantes demais. Só então com a criação do Tinder, e através da categoria "allosexual", que pude conhecer algumas outras pessoas.

EXT. RUA - DIA

TIFFANY, cabelo curto e preto, magra, é mostrada como símbolo de esperança a comunidade, pois namora também uma pessoa allo.

TIFFANY

Conhecer alguém que podia me entender foi a melhor coisa que já me aconteceu. E não falo isso em relação a sexo, pois como sabemos os assexuais também podem ter um apetite sexual intenso, só que é muito diferente de nós allo, nós sentimos que não nos encaixamos nas "regras" deles. Minha mãe é aromântica e ace e foi um grande tabu pra ela quando me viu crescer sendo o seu oposto. Hoje em dia ela já consegue aceitar minha relação.

EXT. RUA - DIA

NARRADORA

Em contraponto iremos mostrar como uma pessoa normal, chamada de ace pela comunidade allossexual, pensa ao ouvir sobre essa nova orientação sexual que vem surgindo e suas opiniões.

LUMA, 26 anos, 1,65, branca, cabelos curtos, está fazendo cooper, enquanto escuta música e é parada pela equipe de filmagem.

LUMA

Achei interessante existir pessoas que vivem dessa forma, apesar que eu mesma não consigo me imaginar trocando um pedacinho delicioso de bolo de cenoura com chocolate pra fazer algo tão, na minha opinião, banal, como sexo, com pessoas que eu simplesmente conheci em um aplicativo por exemplo e já estou marcando

encontro só pra satisfazer esse desejo, mas assim, é vivendo e aprendendo (risos), mas ainda acho que buscar ajuda médica pra saber se não é algo hormonal é sempre bom, fica a dica!

INT. ESTUDIO DE JORNAL - DIA

O local é um estúdio de TV, e o apresentador é um homem branco, 25 anos, magro, cabelo liso, que dá a finalidade sobre a matéria sobre os allosexuais.

APRESENTADOR

Muito bom aprender mais sobre as pessoas e quem algum dia não temos filmes e séries dando visibilidade ao assunto, pra que mais pessoas possam se identificar com os allosexuados. Agora a nossa próxima reportagem é sobre os marsupiais da costa Australiana, o que fazem? Onde vivem? O que comem? Hoje, no jornal dos fatos!

INT. CASA 2 - DIA

A cena corta, até que é mostrado duas garotas assistindo ao que antes parecia ser o jornal em um notebook. O quarto tem paredes brancas, e as duas estão sentadas em uma cama, PRISCILLA, 26 anos, miscigenada, cabelos curtos e pretos e BIANCA, 22 anos, miscigenada, cabelos longos, cacheados e castanho escuro.

PRISCILA

E então, ficou mais fácil entender agora?

BIANCA

Hum... Na verdade não, eu não entendi porque alguém sofreria preconceito só por gostar normalmente de fazer sexo se as coisas fossem como nesse mundo aí

PRISCILA

Essa é a questão Bianca, por que alguém sofre preconceito só por não priorizar sexo?

BIANCA

Acho que você tá se vitimizando demais também, não é como se você sofresse preconceito.

PRISCILA

Marcos literalmente falou naquele dia que ele e os amigos iriam se juntar pra "me ensinar o que era sexo de verdade, pois eu só era assim porque não tinha experimentado um bom", e você fala que não é nada?

BIANCA

Era uma brincadeira, Priscila!

PRISCILA

Saia da minha casa, por favor. Eu desisto.

Bianca se retira do local indignada e ofendida e bate à porta do quarto. Priscila observa a sua ex amiga sair, suspira decepcionada, fecha a tela do notebook, pega um pedaço de torta que estava ao seu lado e balança a cabeça negativamente enquanto come.

APÊNDICE E – LINK PARA O FILME

<https://drive.google.com/file/d/1atZVPKQPnFVluG8Zpc7GGnmRjxG7GXCp/view?usp=drivesdk>